

AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO AUTÔNOMA COMO RESISTÊNCIA AO MODELO TRADICIONAL DE ENSINO UNIVERSITÁRIO: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE AGROECOLOGIA DA UFPEL (GAE/UFPEL)

FÁTIMA GIOVANA TESSMER SANTIN¹; FABRICIO SANCHES²; THIAGO OLLÉ²; HERCULES GONZALES²; CÍCERO CAVALHEIRO²; CAROLINE SCHERER³

¹Universidade Federal de Pelotas – santingiovana@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – euofabricio@gmail.com; thiagoolle@hotmail.com.br; herkuuuu@gmail.com;

³Universidade Federal de Pelotas – cacabio@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A visão cartesiana e mecanicista do mundo tem exercido uma influência poderosa sobre todas as nossas ciências e em geral sobre a forma do pensamento ocidental. Em consequência disso, nossa cultura tornou-se progressivamente fragmentada e desenvolveu uma tecnologia, instituições e estilos de vida profundamente doentes (CAPRA, 1982).

Visando romper com o modelo atual de educação aplicado ao ensino superior no Brasil, busca-se desenvolver uma educação libertadora ou transformadora que, conforme GERHARDT (2001), é aquela que trabalha com uma visão de sujeitos potencialmente autônomos, capazes de praticar a solidariedade, instruindo-se de forma a promover a autorreflexão. Neste sentido, a educação é entendida como uma prática de libertação, que desperta no sujeito a sua capacidade de promover a humanização, esforçando-se em uma perspectiva conjunta para mudar o sistema escolar, social e político.

A agroecologia, como aponta CAPORAL *et al.* (2006), integra e articula os conhecimentos de diferentes ciências, assim como o saber popular, permitindo tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo de desenvolvimento rural. Conforme BICA (2007), não se pode pensar o ensino da agroecologia sem questionar as instituições e seus currículos estáticos, nesse sentido, surgem os grupos de agroecologia visando preencher a lacuna deixada pelo modelo tradicional de ensino, explorando uma educação interdisciplinar, globalizante e participativa.

O presente trabalho propõe apresentar as experiências em educação desenvolvidas no Grupo de Agroecologia (GAE) da UFPEL, com enfoque na atuação referente ao ano de 2014 até o presente momento.

2. METODOLOGIA

A formação do GAE surge no ano de 1993, como uma iniciativa de estudantes da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (BROLESE *et al.*, 2007). Desde então

atua através de práticas e debates fundamentados na agroecologia, prezando pela troca de conhecimentos e experiências de forma horizontal, dentro e fora da comunidade acadêmica priorizando o contato com pequenos produtores rurais, cooperativas ecológicas locais, movimentos sociais, escolas do ensino básico e outros grupos de agroecologia.

Ao longo dos anos o reconhecimento da agroecologia como prática, movimento e ciência transdisciplinar aproximou estudantes de diferentes áreas do conhecimento além da Agronomia, como: Arquitetura e Urbanismo, Ciências Biológicas, Design, Medicina Veterinária, Psicologia, entre outros.

Atualmente a área didático-experimental do GAE possui cerca de 1ha e situa-se no Campus Capão do Leão da UFPel, onde é mantido o Sistema Agroflorestal (SAF), o viveiro de mudas e a área de convivência.

O eixo central da atividade do GAE são reuniões semanais de planejamento, nelas são debatidas, de forma horizontal, todas as demandas do grupo, ficando exposto em um fórum de discussão *online*. A partir das deliberações são organizados Grupos de Trabalho (GTs) que são planejados para atender as demandas do GAE e também a partir das afinidades dos membros. Os GTs que serão aqui relatados são os que até então tiveram maior atuação: SAF, Viveiro e Grupo de Estudos. O primeiro com a função de planejar e propor alternativas de manejo do SAF, a partir delas que são organizados mutirões abertos periódicos. O segundo com a finalidade de planejar a retomada da produção de mudas. E o último facilitando discussões acerca de temas que envolvem a agroecologia e a sociedade, através de rodas de conversa com graduandos, professores e pesquisadores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora o GAE esteja em atividade desde a década de 90, é sabido que sua história é marcada por ciclos de altos e baixos de participação estudantil. Não sendo objetivo deste trabalho resgatar todos seus valiosos momentos, tomamos como marco inicial a deflagração do movimento “Agrofloresta para quem nela estuda”, que ocorreu em setembro de 2014. Esta iniciativa culminou na reação vitoriosa à iniciativa da Pró-Reitoria de Infraestrutura de construir um novo prédio de salas de aula sobre a área do GAE.

A partir desta data iniciou-se a formação de diferentes Grupos de Trabalhos (GTs) dentro do GAE, com participação efetiva de vários discentes de diferentes cursos de graduação e alguns docentes colaboradores.

O GT SAF, a partir de julho de 2015, organizou cerca de 12 mutirões de manejo da unidade Agroflorestal na área do GAE. Estes encontros aconteceram majoritariamente aos sábados e, além dos integrantes do GT SAF, houve a colaboração de outros membros do GAE. Nestes mutirões, dinâmicas de trabalho em grupo foram utilizadas, sempre com a facilitação de um integrante do GT, sendo desenvolvidas atividades de manejo de poda, roçadas, abertura de canteiros, plantio de árvores e herbáceas de cobertura, delimitação de trilhas e construção de estruturas de suporte, intercaladas por rodas de conversa sobre o trabalho do dia,

oficinas de reconhecimento botânico e de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs).

Além dos mutirões realizados na área do GAE, esta prática também ocorreu na propriedade de três famílias de pequenos produtores rurais: família Klug (Cerrito, 7º distrito de Pelotas), no ano de 2015, família Schiavon (Colônia São Manoel, 8º distrito de Pelotas) e família Jung (Colônia Maciel, 8º distrito de Pelotas), em 2016. Foram executadas tarefas práticas conforme demanda pelas mesmas, sempre lado a lado com os agricultores, efetuando trabalhos que, quando não em grupo, tornam-se onerosos fisicamente e muitas vezes impossibilitados pela falta de tempo. Nestas atividades ficam evidenciadas a realidade do modo de vida camponês, que, como afirma PLOEG (2008), representa a resistência frente à ameaça de extermínio pela lógica dominante da modernização da agricultura, a qual sabemos ser amplamente difundida na universidade. A organização periódica, de vivências com famílias de pequenos agricultores e em conjunto com grupos de agroecologia, propiciou ao GAE/UFPEL desenvolver percepções fundamentais sobre o espaço rural e para a prática de Extensão, experiências incomuns aos espaços tradicionais de ensino universitário.

O GT viveiro parte da compreensão de que um sistema agroecológico deve buscar a intraorganização (no caso do GAE a necessidade de mudas para o SAF e para distribuições). Sendo assim, atuando na necessidade de readaptação e redesenho do espaço de produção de mudas. Com isso iniciou-se, em novembro de 2015, a construção do projeto intitulado “Implantação de um viveiro de mudas florestais nativas do Rio Grande do Sul como espaço interdisciplinar de aprendizagem”. Para tanto se realizaram consultas a literatura e diálogos com agricultores, professores, técnicos e entre o/as estudantes, a fim de consolidar o viveiro. A construção com a comunidade se deu com o Colégio Estadual Cassiano do Nascimento e com a Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Edmar Fetter. Até agora, além da aproximação com os alunos e professores foi construídas, na área do GAE, uma casa de vegetação e um galpão para abrigo dos materiais, nos quais foram utilizadas madeiras da própria agrofloresta como aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius* Raddi.).

Por meio do GT Grupo de Estudos foram realizados quatro ciclos de discussões, abertos à comunidade acadêmica, sendo dois mediados pelo professor do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Agronomia, Décio Cotrim (História das agriculturas no mundo e Métodos participativos, ligado a extensão rural), outro pelo professor do Instituto de Biologia, Gustavo Maia (Filosofia e método científico: dos fragmentos à totalidade) e o último com o pesquisador da Embrapa Joel Cardoso, abordando o Manejo de SAF, incluindo visita ao SAF da Embrapa Cascata.

Outra atividade do GAE neste período foi a participação na 1ª Bial Internacional de Arte e Cidadania através do “Sarau do meio dia”. Na ocasião recebemos a educadora Silvana Silva (Paraná), a cantora Ana Paula da Silva e o conjunto musical da Costa Rica Canto América. Cerca de 100 pessoas circularam pela área de convivência.

4. CONCLUSÕES

Avalia-se como importante a continuidade, nos últimos três anos, dada à trajetória do Grupo de Agroecologia da UFPEL, tanto na busca por um ensino que vise a liberdade e autonomia estudantil, quanto como contraponto ao modelo de desenvolvimento rural dominante. Foi constatado que, através da auto-organização e interdisciplinaridade estudantil o GAE cumpre seu papel de espaço educador, mesmo não institucionalizado, mantém-se em atividade constante por reconhecer seu papel histórico na sociedade. Ainda sim, ressalta-se a importância do avanço dos projetos institucionais em atual construção para a consolidação do GAE, garantindo assim a atuação nos campos de ensino, pesquisa e extensão, buscando sempre formas de contribuir para a compreensão e a atuação social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BICA, G.; HOELLER, S.; GANDIN, R.V.; PAGLIA, E.C. **Educação e Agroecologia: Caminhos quês se complementam**. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, Guarapari, 2007, **Anais**, v.2, n.2, p. 1576-1579.
- BROLESE, L.G.; ROCHA, M.Q.; BONI, M.; FURTADO, S.M.; HENZ, T.A.; DUARTE, A.S. **O Grupo de Agroecologia (GAE-UFPEl) Interagindo Com a Sociedade Urbana**. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, Guarapari, 2007, **Anais**, v.2, n.2, p. 445-449.
- CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. **Agroecologia, Matriz Disciplinar ou Novo Paradigma para o Desenvolvimento Rural Sustentável**. In: CAPORAL, F.R., AZEVEDO, E.O. (Org). **Princípios e Perspectivas da Agroecologia**. Paraná: Instituto Federal – Educação a Distância, 2011. Cap.2, p.45-80
- CAPRA, F. **Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 2004
- GERHARDT, H.P. **Educação libertadora e globalização**. In: FREIRE, A. M. **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Unesp, 2001.
- PLOEG, J.D.V.D. **Camponeses e Impérios Alimentares: Lutas por Autonomia e Sustentabilidade na Era da Globalização**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.